

# A INTERPRETAÇÃO STRAWSONIANA DA EXPERIÊNCIA EM KANT

*The Interpretation Strawsonian of Experience in Kant*

Cristina de Moraes Nunes\*

---

**Resumo:** Em *The bounds of Sense*, Strawson analisa a *Crítica da Razão Pura* de Kant e apresenta, de maneira sistemática, a compreensão que ele tem desta obra. Segundo Strawson a principal contribuição kantiana para a filosofia analítica é o que ele denomina de princípio da significatividade. De acordo com esse princípio, Kant defende a ideia de que os conceitos, para terem sentido, devem ser aplicados à experiência, ou seja, os conceitos que estão para além da nossa experiência possível são vazios de significado. De acordo com Strawson, o erro de Kant foi ter concebido uma analogia equivocada entre a estrutura geral possível da experiência e as nossas faculdades cognitivas, isto é, para Kant, as características limitantes da experiência tinham origem em nossa constituição cognitiva, e, com isso, a sua teoria torna-se incoerente e mascara o caráter real de sua investigação.

**Palavras-chave:** Experiência. Princípio de significatividade. Kant. Strawson.

**Abstract:** In *The Bounds of Sense* Strawson analyses the *Critique of Pure Reason* of Kant and presents in a systematic way, the understanding that he has this work. Second Strawson the main contribution Kantian to the analytic philosophy is what he calls the principle of significance. According to this principle, Kant defends the idea that the concepts, to make sense should be applied to experience, ie, the concepts that are beyond our possible experience are devoid of meaning. According to Strawson, the error of Kant was to have designed a mistaken analogy between the general structure of the experience possible and our cognitive faculties, ie, for Kant the limiting characteristics of the experiment was derived from our cognitive constitution, and thus, his theory becomes incoherent and masks the real character of his investigation.  
**Keywords:** Experience. Principle of significance. Kant. Strawson.

---

\*Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista da CAPES, contato: crisfilosofia@gmail.com

### Considerações Iniciais.

Em *The bounds of sense*, Strawson analisa a *Crítica da Razão Pura* de Kant e apresenta, de maneira sistemática, a compreensão que ele tem desta obra. Strawson afirma que escreveu este livro para aqueles estudiosos de Kant que, como ele, ao lerem e relerem a *Crítica*, continuam com a sensação de que esta obra é uma mistura de grandes sacadas (*insights*) e grandes confusões<sup>1</sup>. O propósito de Strawson é mostrar que se pode separar em partes a teoria kantiana, de modo que se torne possível refutar algumas destas partes, enquanto que outras serão mantidas.

A principal contribuição kantiana para a filosofia analítica é o que Strawson denomina de princípio de significatividade. Com este princípio empírico, Kant defende a ideia de que os conceitos, para terem sentido, devem ser aplicados à experiência, ou seja, os conceitos que estão para além da nossa experiência possível são vazios de significado. Torna-se, assim essencial, estabelecer uma estrutura mínima da experiência, que seja verdadeiramente inteligível para nós, de modo que façam sentido os conceitos que utilizamos. Porém, os argumentos utilizados por Kant para estabelecer os limites dos sentidos fazem parte de um conjunto de teorias que parecem violar os seus próprios princípios críticos<sup>2</sup>.

Neste artigo, pretendo apresentar os argumentos adotados por Strawson para afirmar que algumas partes da estrutura mínima de experiência elaborada por Kant podem ser modificadas, de modo que elas tornem-se mais aceitáveis. Enquanto que outras partes podem ser refutadas, sem perda alguma, apesar disso, Strawson reconhece que tais partes não podem ser plenamente independentes umas das outras, porque somente com o quadro (*picture*) completo é que conseguimos captar do todo o significado das suas partes<sup>3</sup>.

Embora possamos imaginar mundos diferentes do nosso e experiências distintas daquela que temos, não poderíamos descrever, com sentido, uma experiência que seja distinta daquelas que nós, em nossa condição de seres humanos, de fato, temos. Kant foi o filósofo que mais se esforçou na tentativa de mostrar que há limites ao que podemos conceber como uma estrutura geral possível da experiência. De acordo com Strawson, o erro de Kant foi ter concebido uma analogia equivocada entre a estrutura geral possível da experiência e as nossas faculdades cognitivas, isto é, para Kant, as

---

<sup>1</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.11.

<sup>2</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.12.

<sup>3</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.12.

características limitantes da experiência tinham origem em nossa constituição cognitiva, e, com isso, a sua teoria torna-se incoerente e mascara o caráter real de sua investigação<sup>4</sup>.

Assim posto, o problema central para entender a *Crítica* é mostrar que a argumentação analítica é independente do restante da argumentação kantiana. Essa é apenas parte de uma tarefa mais ampla, que consiste em separar o que é interessante e fecundo e o que não parece ser aproveitável nesta doutrina<sup>5</sup>.

Para Kant, os resultados das demais ciências contrastavam com os resultados obtidos em filosofia, de modo que se deveria colocar a filosofia também no caminho das ciências, para isso, era necessário estabelecer os seus próprios limites e o instrumento fundamental para esta limitação necessária é o princípio de significatividade. Strawson denominou-o assim porque, segundo esse princípio empírico, não podemos fazer uso de ideias ou conceitos de maneira significativa, a não ser que eles estejam em relação com as condições empíricas ou experimentais de sua aplicação. Para utilizar um conceito de determinada maneira, devemos ser capazes de especificar a situação de experiência a qual se aplicaria o conceito, caso contrário, não conhecemos o que estamos afirmando.

O princípio de significatividade foi utilizado por Kant para recusar a metafísica transcendente. No entanto, Kant não se contentou em apenas mostrar o aspecto negativo da metafísica transcendente, pois ele afirma que é uma propensão natural e inevitável da razão humana pensar em termos de ideias para as quais não se tem uma condição empírica aplicável<sup>6</sup>. Tais ideias<sup>7</sup> surgiam de modo inevitável no decorrer de investigações científicas, podendo ser tomadas como positivas, no sentido de que estimulam a indefinida extensão do conhecimento empírico. A ilusão de um conhecimento metafísico de que essas ideias podem ser conhecidas puramente pela razão, sem interferência da experiência, acaba por violar o próprio princípio da significatividade. Na *Crítica*, Kant dedica-se a mostrar que, em alguns casos célebres, somos tentados a violar tal princípio, e ele demonstra que alguns casos conflitivos resultam da pretensão do conhecimento metafísico.

Portanto, a metafísica transcendente é, como diria Kant, impossível como ciência. Mas Strawson salienta que, com isso, não se quer afirmar que seja impossível toda metafísica científica, pois há uma enorme tarefa positiva para uma genuína metafísica científica. Essa tarefa foi desenvolvida ao menos parcialmente por Kant na *Crítica*, ela consiste na “investigação da estrutura

---

<sup>4</sup>Cf. STRAWSON,P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.16.

<sup>5</sup> Cf. STRAWSON,P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.16.

<sup>6</sup> Cf. STRAWSON,P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.17.

<sup>7</sup> Essas ideias foram desenvolvidas por Kant na dialética transcendental, quando ele trata de ideias tais como imortalidade da alma, liberdade e Deus. Como é sabido, essas ideias terão grande importância para a ética kantiana, mas nosso propósito é mostrar de que maneira há contrastes na teoria kantiana, de modo que o aproveitável seria o princípio de significatividade que se aplica apenas ao conhecimento, que é o que estamos tratando neste trabalho.

que fixa as ideias e os princípios cujo uso e aplicação são essenciais para o conhecimento empírico e os quais estão implícitos em toda concepção coerente que da experiência nós podemos formar”<sup>8</sup>. Um estudo fecundo desta estrutura é o que se caracteriza como metafísica, que é o mais geral e fundamental dos estudos. O método de investigação utilizado por Kant é *a priori*, ou seja, não empírico. Segundo Strawson, o método empregado por Kant é *a priori*, não porque se refere a um reino de objetos inacessíveis à experiência, mas porque se interessa pela estrutura conceitual que se pressupõe a toda investigação empírica. Este tipo de investigação é denominado, por Kant, de “transcendental”, como distinto de “transcendente”.

De acordo com Strawson, o erro que Kant cometeu foi pensar que a investigação da estrutura geral das ideias e dos princípios, pressuposto para o conhecimento empírico, só é possível com uma analogia ao estudo da estrutura e da maneira de proceder de nossa constituição cognitiva. Assim, a linguagem predominante, na *Crítica*, é uma linguagem psicológica, ou seja, as necessidades que Kant encontrou no que se refere a nossa concepção de experiência, ele as adscreeveu a natureza de nossas faculdades cognitivas<sup>9</sup>.

O fundamento desta adscrição é apresentado na dualidade fundamental entre os conceitos gerais e as instâncias particulares. Devemos ser capazes de classificar qualquer fato que entre no campo de nossa experiência consciente e reconhecê-lo em sua condição de possuidor de algumas características gerais<sup>10</sup>. Os conceitos gerais possibilitam o reconhecimento de um fato, enquanto que as instâncias particulares são o material, ao qual aplicamos esses conceitos, elas são encontradas na experiência. Kant denomina de “intuições” o conhecimento na experiência de instâncias particulares dos conceitos gerais. Strawson afirma que essa dualidade fundamental para o conhecimento empírico pode ser expressa em muitas linguagens, no entanto, essa dualidade é expressa, por Kant, numa linguagem psicológica, uma vez que Kant divide a mente em duas faculdades, a faculdade receptiva da sensibilidade, por meio da qual temos as intuições, e a faculdade ativa do entendimento, que é a fonte dos conceitos. Kant delimita a noção de experiência desde a sua origem, que se dá pela cooperação entre a sensibilidade e o entendimento.

Desse modo, espaço e tempo são formas puras da sensibilidade que, juntamente com as categorias, nos possibilitam conhecer os fenômenos e não as coisas em si mesmas. A tese do idealismo transcendental de Kant é que “todo o mundo da Natureza é mero fenômeno”<sup>11</sup>. Para Kant, o

---

<sup>8</sup> STRAWSON,P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant’s Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.18.

<sup>9</sup> Cf. STRAWSON,P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant’s Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.19.

<sup>10</sup> Cf. STRAWSON,P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant’s Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.20.

<sup>11</sup> STRAWSON,P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant’s Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.21.

idealismo transcendental é um realismo empírico, porque não dá superioridade ao *status* da realidade em que as coisas existem e os estados de consciência sobre os objetos físicos.

A doutrina do idealismo transcendental, e a imagem (*picture*) associada a um aparato mental que recebe e ordena, produzindo a Natureza tal como nós a conhecemos, desde uma realidade incognoscível das coisas tal e como são em si mesmas, são, sem dúvida nenhuma, os principais obstáculos para uma compreensão simpática da *Crítica*<sup>12</sup>.

Apesar de Strawson considerar defensável alguns aspectos da *Crítica*, ele afirma que isso não é o mesmo que considerar a teoria do idealismo transcendental como sendo defensável em sua totalidade<sup>13</sup>. Ele considera defensável apenas o aspecto transcendental da teoria kantiana, com a qual Kant pretende estabelecer as condições de possibilidade para uma estrutura geral da experiência, bem como o seu princípio de significatividade.

## 2- Transcendental: a estrutura geral possível da experiência.

Kant foi um filósofo inovador na tentativa de estabelecer os limites para uma concepção inteligível de experiência. Ele considerou que há uma cooperação entre o racional e o sensível para se ter experiência, sendo assim, ele aproximou o racionalismo e o empirismo através do seu cognitivismo transcendental. O seu interesse era estabelecer as condições de possibilidade para o conhecimento intelectual e sensorial. Desse modo, o problema central da *Crítica da Razão Pura* consiste em expor de que maneira ocorre a relação entre a representação e o objeto, visto que a maioria das representações<sup>14</sup> apresenta um conteúdo para o sujeito consciente.

Essa posição de Kant fez-se possível em função da sua revolução copernicana, sem ela, nós teríamos ainda as duas posições extremas de experiência, ou seja, o racionalismo e o empirismo. De modo que o giro copernicano de Kant representa justamente dar ênfase no sujeito que representa certas coisas, em detrimento do objeto conhecido.

---

<sup>12</sup> STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.22, grifo nosso.

<sup>13</sup> Cf. STRAWSON, P. *Entity & Identity: and other essays*. Oxford: Clarendon Press, 2005, p.232.

<sup>14</sup> Kant admite a possibilidade de ocorrer representações que não são conscientes, ele utiliza do termo genérico representação (*repraesentatio*) e sugere que subordinado a este está a representação com consciência (*perceptio*). Aquelas representações sem consciência são denominadas de *obscuras* (Ver: B 374/ B 415).

Strawson considera positivo determinar os limites para a concepção que temos de experiência, de modo que ela torne-se inteligível para nós. Assim sendo, podemos conceber uma estrutura geral possível da experiência, que corresponda a um “conjunto de ideias que forma um limitado sistema de todo o nosso pensamento sobre o mundo e da experiência do mundo”<sup>15</sup>. Na opinião de Strawson, a estrutura desse limitado sistema é encontrada na *Crítica da Razão Pura*.

Também em *Entity & Identity*, Strawson assinala que as novas bases que Kant trouxe à metafísica, com a sua revolução copernicana, prevalecem na tradição empirista da qual ele faz parte. Mas, Strawson salienta que, com isso, não afirma que considera a teoria do idealismo transcendental defensável na sua totalidade, tendo em vista que o idealismo transcendental, da maneira como é apresentado, torna-se uma espécie de metafísica transcendente, pois retira do mundo o caráter de identidade dos objetos espaços-temporais. Porém, considera defensável o argumento transcendental kantiano que vincula a autoconsciência com a experiência de um mundo público e objetivo, o qual Strawson pensa ser independente do idealismo<sup>16</sup>.

Dessa forma, Strawson pondera como necessário, para entender a *Crítica da Razão Pura*, separar a argumentação analítica do que é independente dela, ou seja, separá-la do fenomenalismo<sup>17</sup>. Na argumentação analítica, Kant apresenta os princípios ou esquemas essenciais para se ter conhecimento empírico. Strawson avalia como positivo considerar a estrutura da experiência baseada em regras e princípios e não em nossa estrutura cognitiva, ou faculdades mentais, pois não faz muito sentido analisar a estrutura da experiência baseando-se em nossa constituição cognitiva.

De acordo com o seu idealismo transcendental, Kant defende a ideia de que apenas a estética transcendental não é suficiente para se obter experiência no sentido forte<sup>18</sup>, ou seja, para ocorrer a síntese é necessário tanto a sensibilidade, quanto o entendimento. Pela sensibilidade, o objeto é construído na intuição, enquanto que, no entendimento, esse objeto é pensado. A experiência é produzida de acordo com as regras dadas pelo entendimento e essas regras não mudam, o que se altera são os conteúdos da experiência.

Segundo Kant, o erro cometido pelos filósofos que defenderam a metafísica transcendente foi o de tratar das coisas fora dos limites de nossa experiência possível, haja vista que, para ele, a metafísica é a ciência das coisas sensíveis. A estrutura geral da experiência possível limita a nossa

---

<sup>15</sup> STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.17.

<sup>16</sup> Ver: ALLISON, H. *El idealismo transcendental de Kant: una interpretación y defensa*. Tradução de Dulce María Granja Castro. Barcelona: Anthropos, 1992, p.22.

<sup>17</sup> Fenomenalismo é a doutrina que considera o conhecimento humano limitado aos fenômenos, mas também designa a filosofia de Kant que admite a existência de uma realidade diferente do fenômeno, ou seja, a realidade das coisas em si mesmas. (Cf. ABBAGNANO, 2007, p. 510)

<sup>18</sup> Kant tem duas noções de experiência, primeiro, como uma aquisição de dados pelos sentidos e também como operação de comparação desses dados sensíveis, ou seja, a síntese dessas operações. No entanto, não podemos pensar que se trata de dois tipos de experiência, pois ambas as noções são inseparáveis para Kant.

atividade conceitual, ou seja, só aplicamos os conceitos àqueles objetos que podemos conhecer. Strawson denomina de princípio de significatividade, esse princípio empírico segundo o qual “não podemos fazer nenhum uso legítimo, nem inclusive com sentido, de ideias ou conceitos se não os colocar em relação com as condições empíricas ou experimentais de sua aplicação”<sup>19</sup>. Kant utiliza esse princípio para recusar a metafísica transcendente e mostrar que o nosso conhecimento é sempre conceitual e a razão pura é pensada nos limites da experiência.

A analítica transcendental é entendida por Strawson como sendo o coração da *Crítica da Razão Pura*. Na analítica transcendental, juntamente com a estética transcendental, Kant pretende salientar as características limitantes para qualquer noção de experiência inteligível para nós. Desse modo, Kant defendeu as seguintes teses, a saber: a tese da temporalidade, segundo a qual a experiência exhibe essencialmente uma sucessão temporal; a tese da necessária unidade da consciência, que se dá através da síntese dos dados sensíveis; a tese da objetividade, que considera o conhecimento dos objetos como sendo distinto das experiências subjetivas; a tese da espacialidade, segundo a qual os objetos que conhecemos são espaciais; a tese da unidade espaço-temporal, que defende que há uma estrutura unificada da realidade empírica e a tese das analogias, para qual os princípios de permanência e causalidade devem ser satisfeitos no mundo físico ou objetivo<sup>20</sup>. Apesar de Kant apenas pressupor algumas dessas teses e não as explicar, Strawson concebe-as importantes para estabelecer a estrutura da experiência através de princípios e regras racionais.

A tese da temporalidade é tratada por Kant, na *Crítica*, como algo inquestionável, de modo que só nos cabe aceitá-la. A segunda tese é como uma definição padrão (*standard*) da experiência, pois ela está unida com a exigência de conceitualização da experiência e com a exigência de que os conteúdos particulares da experiência devem ser reconhecidos pelo seu caráter geral<sup>21</sup>. A tese da espacialidade é mais pressuposta por Kant do que explicada por ele. As demais teses são explicadas e tratadas ao longo da *Crítica*, na parte da Analítica transcendental.

Strawson afirma que a premissa fundamental da Analítica é a tese da unidade necessária da consciência. Kant adota outras expressões ao longo da *Crítica* que remetem a essa tese, tais como “unidade transcendental da apercepção” ou “unidade da autoconsciência”. Desse modo, parece que o emprego que Kant faz do termo “autoconsciência” é algum tipo de consciência de si, que difere do conhecimento ordinário ou empírico, tal como expresso quando tratamos da auto-adscrição de sensações. Como é sabido, isto não é assim, pois Kant está interessado nas condições gerais dos usos dos conceitos, no reconhecimento dos conteúdos particulares, enquanto possuem caráter geral. Por

---

<sup>19</sup> STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.16.

<sup>20</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.24.

<sup>21</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.25.

outro lado, para Kant, as condições gerais para o uso dos conceitos são também as condições fundamentais para a possibilidade da autoconsciência ordinária. Essas condições fundamentais para a possibilidade da autoconsciência estabelecem um padrão mínimo do que se pode tomar como experiência. Tal exigência padrão só pode ser satisfeita se a série de experiências estendida temporalmente, que forma os conteúdos de uma experiência possível, deve conectar-se de tal modo entre elas, que deem como resultado uma representação unificada do mundo objetivo<sup>22</sup>. Na Dedução Transcendental, Kant insiste que é necessária a conexão ou a unidade das experiências para termos experiência de um mundo objetivo e regulado. Sendo que os conceitos do objetivo que nós aplicamos na experiência incorporam as regras de tal unidade e esta conexão regulada da experiência subsumida em conceitos do objetivo é precisamente o que requer a necessária unidade da consciência, isto é, para a possibilidade da autoconsciência<sup>23</sup>.

As categorias ou os conceitos gerais são os responsáveis por conferir conexão ou unidade à experiência, através da síntese dos dados desconexos dos sentidos. Por essa razão, os conceitos necessitam dos dados fornecidos pela sensibilidade para a sua aplicação. Na *Crítica da Razão Pura*, Kant pretendia mostrar como são possíveis os juízos sintéticos *a priori*, que só poderiam ser explicados de acordo com a sua revolução copernicana, ou seja, “apelando à constituição de nossa sensibilidade e as regras do entendimento”<sup>24</sup>. Strawson argumenta que Kant não dá explicações satisfatórias sobre a diferença entre proposições analíticas e sintéticas *a priori*, porque ele não tem uma concepção clara do que é o sintético *a priori*, já que seu modelo é incoerente.

O que Kant entende em geral por proposições sintéticas a priori é justamente esta classe de proposições do nosso conhecimento cuja necessidade só poderia ser explicada pondo em marcha todos os recursos copernicanos da *Crítica*, apelando, desta maneira, ao modelo ‘dos objetos que se adéquam a nossos modos de representação’, isto é, apelando à constituição de nossa sensibilidade e as regras do entendimento. Dado que já tenho mostrado, nada fica, ou pode ficar realmente explicado, por este modelo- já que é incoerente-, deve concluir-se que Kant não tem uma concepção geral clara do sintético a priori<sup>25</sup>.

O projeto da síntese é, na opinião de Strawson, um dos objetivos da psicologia transcendental de Kant, na qual ele tenta dar explicações para as operações da mente. Essas operações da mente são explicadas através da necessária unidade da experiência como produto de nossas faculdades, tais como

---

<sup>22</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.26.

<sup>23</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.27.

<sup>24</sup> STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.43.

<sup>25</sup> STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.43.

a memória e a imaginação enquanto controladas pelo entendimento, a partir das impressões ou dados desconexos dos sentidos<sup>26</sup>. A capacidade de sintetizar é prévia à experiência, ou seja, é *a priori*, sendo uma disposição da mente de sintetizar. Assim sendo, Strawson conclui que a teoria da síntese de Kant é uma aberração, por tratar das regras de unidade da experiência de acordo com um conjunto de regras vinculadas ao mental.

Veremos, a seguir, como Strawson interpreta os elementos presentes na analítica transcendental. Primeiramente, analisaremos o princípio de significatividade de Kant, que é fundamental para se ter experiência, depois, apresentaremos as regras do entendimento em Kant e como pode ser interpretada a dualidade entre intuição e conceito, que Strawson considera como sendo o ponto chave para entender todas as outras dualidades presentes na *Crítica da Razão Pura*, e que têm relação direta com o que Kant entende pela noção de experiência.

### **3-O princípio de significatividade.**

Segundo Strawson, o princípio de significatividade foi apresentado por Kant com a intenção de limitar a metafísica transcendente, ao estabelecer que a estrutura geral da experiência possível limita o uso significativo dos conceitos.

Kant invoca com frequência o que tem chamado seu princípio de significatividade, o princípio de que não podemos fazer nenhum uso com significado de conceitos em proposições que pretendem expressar algum conhecimento, a não ser que tenhamos critérios empíricos de aplicação de tais conceitos. Kant parece considerar esse princípio como uma consequência de certas teorias do idealismo transcendental<sup>27</sup>.

As teorias do idealismo transcendental, as quais Strawson refere-se, dizem respeito às antinomias, com as quais Kant pretendia provar que não podemos ter experiência possível de Deus, da liberdade e da imortalidade da alma. No entanto, que elas podem ser pensadas como ideias da imaginação. A dialética transcendental é considerada, por Strawson, como uma espécie de metafísica transcendente e é tida como a parte mais destrutiva da *Crítica*. A ideia principal da dialética é expor a ilusão metafísica, usando o princípio de significatividade. Certas ideias, tais como Deus e alma, não possuem referência empírica, mas são ideias regulativas da moral e também da extensão do conhecimento empírico. Essas ideias são inevitáveis à razão que, ao pensar nelas, entra em

---

<sup>26</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.32.

<sup>27</sup> STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.241.

contradição, a qual Kant denomina de antinomias da razão. Tal solução para os conflitos da razão leva-o a invocar o princípio de significatividade<sup>28</sup>.

Mas, para Strawson, a “única interpretação alternativa que pode admitir-se é aquela que garante a autonomia do princípio de significatividade e só lhe dá um significado irônico à frase ‘as coisas como são em si’”<sup>29</sup>, isso porque Kant pretendia provar que as coisas em si mesmas não podem ser conhecidas por nós, o que acaba por negar o próprio princípio. Portanto, Kant, ao relacionar o seu princípio de significatividade ao idealismo transcendental, acaba por contradizer-se.

Talvez seja bastante evidente que Kant não consegue satisfazer as condições para aplicar de forma significativa o contraste entre as coisas como são em si mesmas e as coisas tal como nos manifestam, e que viola, de fato, seu próprio princípio de significatividade tanto em sua aplicação desse contraste como no uso que faz, associadamente, do conceito de causa. (...) talvez o único (paralelo) que possamos fazer é recordar o primeiro e velho apego de Kant a noção de ‘mundo inteligível’ e que ele pensou que tinha encontrado o único método correto de conectá-lo e não obstante separá-lo, do mundo dos fenômenos, de tal forma que os interesses da moralidade, da ciência empírica, das matemáticas e da metafísica reformada ficassem simultaneamente satisfeitos<sup>30</sup>.

Ao contrapor os fenômenos e as coisas em si, Kant acaba por negar o seu próprio princípio de significatividade. Segundo Strawson, “desta forma a verdade deve ter seu próprio campo não empírico de aplicação, enquanto que nós, por nossa parte, devemos contentarmos em representá-la na experiência com o que realmente é só sua sombra”<sup>31</sup>. Portanto, chega a conclusão de que o princípio de significatividade deve ser interpretado como independente da teoria do idealismo transcendental ou, então, esse princípio faz parte do idealismo fenomenalista que, segundo ele, parece integrar a teoria de Kant.

Ao utilizar este princípio de significatividade para chegar à conclusão geral da impossibilidade da metafísica transcendente, parece que Kant defende que, apesar dos *nômenos* serem negativos, ou seja, não podemos conhecê-los, eles são considerados seres do entendimento, os quais são uma propensão natural e inevitável da razão humana<sup>32</sup>. Em outras palavras, é como se Kant defendesse que

---

<sup>28</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant’s Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.34.

<sup>29</sup> STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant’s Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.242.

<sup>30</sup> STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant’s Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.254-5.

<sup>31</sup> STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant’s Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.256.

<sup>32</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant’s Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.17.

há uma correlação entre os seres do entendimento, que são os *nôúmenos*, e os seres sensíveis, que são os fenômenos. Essa correlação é a responsável por estabelecer os limites da intuição sensível, ao tentar mostrar que há seres dos quais só podemos pensar e não conhecer, mas que fazem parte de uma intuição intelectual, a qual não pertence aos seres com a nossa constituição cognitiva. Strawson não aceita esta suposta correlação entre os seres sensíveis e os seres do entendimento.

Realmente, todas as categorias, mediante as quais procuro formar um conceito de um tal objeto, apenas são de uso empírico e não tem mesmo sentido algum se não forem aplicadas a objetos da experiência possível, isto é, ao mundo sensível. Fora deste campo, são meros títulos de conceitos, que se podem admitir, mas por seu intermédio nada se pode compreender.<sup>33</sup>

O que interessa a Strawson é a aplicação do princípio de significatividade na estrutura conceitual, que se pressupõe a todo conhecimento objetivo, que esteja livre de toda metafísica transcendente e da obsessão pelos conteúdos privados da consciência. Ele concorda com a tese kantiana de que “as categorias não podem transpor a fronteira dos objetos da experiência” e a aplicação dessa tese ocorre na dualidade fundamental e inevitável a todo pensamento filosófico, que trate do conhecimento empírico, a saber, a dualidade entre intuição e conceito ou, em termos strawsonianos, a dualidade entre as instâncias particulares e os conceitos gerais<sup>34</sup>.

#### **4- Dualidade entre intuição e conceito.**

Na estética transcendental, encontramos quatro grandes dualidades, a saber, a dualidade entre fenômenos e coisa em si, intuições e conceitos, *a priori* e empírico, interno e externo. Conforme Strawson, todos esses dualismos, no sentido fraco do termo dualismo, podem ser interpretados pela dualidade entre intuições e conceitos. De acordo com a sua interpretação analítica, para a experiência ser possível, devemos conhecer itens particulares que podem ser subsumidos em conceitos gerais.

---

<sup>33</sup> KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. 4ª Ed. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, B 724.

<sup>34</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.19.

Dizer que devemos ter conceitos gerais com o fim de que se faça possível o conhecimento empírico, equivale a dizer que temos capacidades tais que nos sirvam para reconhecer os fatos. Não menos evidente é que se essas capacidades forem exercitadas, devemos de ter um material sobre o qual possa fazê-lo; as instâncias particulares devem ser encontradas na experiência. A importância dessa dualidade fundamental é amplamente reconhecida por Kant. A palavra que utiliza para assinalar o conhecimento na experiência de instâncias particulares de conceitos gerais é 'intuição'; isso é o que está indicado na sua famosa afirmação: 'pensamentos sem conteúdos são vazios, intuições sem conceitos são cegas', é algo que enfatiza repetidamente<sup>35</sup>.

A intuição, para Kant, é o elemento imediato, sensível, ou seja, os dados desconexos dos sentidos. A matéria da intuição que é diretamente intuída não pode ser considerada como objetos em si mesmos, porque já estão constituídos como aparência. Então, a intuição pode ser considerada como um conhecimento direto das coisas que intuímos e, simultaneamente, como aparência mediata daquilo que intuímos como seres com a nossa capacidade cognitiva. Para que possamos ter conhecimento das intuições, elas devem ser subsumidas aos conceitos, através da síntese.

Kant afirma que "as condições de possibilidade de experiência em geral são, ao mesmo tempo, condições de possibilidade de objetos da experiência"<sup>36</sup>. Os objetos da experiência tornam-se objetos de conhecimento quando o múltiplo de uma intuição dada é reunido num conceito, ou seja, objeto de conhecimento é "aquilo em cujo conceito está reunido o múltiplo de uma intuição dada"<sup>37</sup>.

Qualquer filosofia que trate seriamente o conhecimento humano, seus objetos e sua exposição, deve tratar da dualidade entre a intuição e os conceitos<sup>38</sup>. Essa dualidade aparece necessariamente na teoria do ser, na teoria do conhecimento e na teoria da proposição, embora de diferentes maneiras. Na teoria do ser, tal dualidade corresponde à distinção entre os itens concretos e as classes gerais. Na teoria do conhecimento, ela corresponde aos conceitos gerais e às instâncias particulares, que subsumimos nestes conceitos. Na teoria da proposição, devemos reconhecer a necessidade dos recursos linguísticos que nos possibilitam classificar ou descrever em termos gerais e nos indiquem a quais casos particulares aplicam-se essas descrições<sup>39</sup>.

O aspecto epistemológico foi tratado como o dominante por Kant. Mas isso pode ser perigoso, segundo Strawson, uma vez que Kant expressa a necessidade de termos conceitos gerais para

<sup>35</sup> STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.20.

<sup>36</sup> KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. 4ª Ed. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, A 158/ B 197.

<sup>37</sup> KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. 4ª Ed. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, B 137.

<sup>38</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.47.

<sup>39</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.47.

classificar os itens particulares, como uma necessidade em sua linguagem de faculdades da mente, de modo que a faculdade da sensibilidade fornece-nos os objetos e, na faculdade do entendimento, esses objetos são pensados. Na primeira, temos as intuições, enquanto que, na segunda, temos os conceitos. Ambos são fundamentais para que tenhamos experiência.

Como vimos, Strawson concorda com o princípio empirista de que “os conceitos vazios, nada significam para nós, a não ser que possamos relacioná-los direta ou indiretamente com a experiência, com as condições experienciais da sua aplicação”<sup>40</sup>. Porém, considera um equívoco de Kant pensar a dualidade entre as intuições e os conceitos, em termos de uma linguagem psicológica, ou seja, entre a faculdade da sensibilidade e a faculdade do entendimento.

Segundo Strawson, para se obter experiência é necessário que os objetos sejam tomados num sentido mais forte que o kantiano, eles devem ser objetivos, independente de uma experiência particular, ou seja, os objetos devem ser públicos.

(...) conforme avança a investigação percebemos que a palavra ‘objeto’ deve ser entendida num sentido mais forte do que havíamos pensado no início. Significa algo mais que meramente um caso particular de um conceito geral. Tem conotações de ‘objetividade’. Conhecer algo de um objeto, por exemplo, que se subsume em tal e tal conceito geral, é conhecer algo que se mantém independentemente de que ocorra qualquer estado de consciência particular, qualquer experiência concreta de conhecimento do objeto como incluído no conceito geral em questão. Se os juízos sobre os objetos são válidos, o são objetivamente, independente do estado concreto de conhecimento, da experiência particular, que emite o juízo<sup>41</sup>.

Os juízos emitidos sobre os objetos também devem ser objetivos, ou seja, independentes de uma experiência particular. Neste ponto, Strawson concorda com Kant que o único uso que o entendimento pode fazer dos conceitos é emitir juízos sobre eles. Traduzindo para sua interpretação austera, seria o mesmo que “subsumir um objeto em um conceito implica o pensar que certa proposição é verdadeira com relação ao objeto ou é objetivamente válida”<sup>42</sup>.

Podemos definir um conceito geral como aquele que pode ser aplicado a vários casos particulares diferentes, sendo possível a aplicação deste conceito à experiência. Strawson afirma que “deve ser possível para nós, que usamos conceitos, encontrar na experiência diferentes casos particulares e distingui-los como diferentes, reconhecendo-os ao mesmo tempo como semelhantes na

---

<sup>40</sup> STRAWSON, P. F. *Análise e Metafísica*: uma introdução á filosofia. Tradução de Armando Mora de Oliveira. São Paulo: Discurso Editorial, 2002,p.87.

<sup>41</sup> STRAWSON,P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant’s Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.73.

<sup>42</sup> STRAWSON,P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant’s Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.74.

possibilidade de lhes ser aplicado o mesmo conceito”<sup>43</sup>. Essa possibilidade dá-se através das noções de espaço e tempo, pois, no mundo objetivo, as coisas são separadas e relacionadas no tempo e no espaço.

### **5- Conceitos formais e significatividade.**

O entendimento é a faculdade, pela qual se torna possível emitir juízos sobre os objetos. O juízo, para Kant, é a unificação do múltiplo, de modo que as categorias referem-se às várias maneiras como a multiplicidade pode ser ordenada. As categorias ordenam e estruturam os objetos da experiência. Kant relaciona o juízo com a síntese e descreve as categorias como aqueles conceitos que dão unidade à síntese e fornecem as condições para a objetividade em geral.

Na dedução transcendental, Kant evidencia que as categorias formam as condições para se ter juízos objetivamente válidos na experiência. A unidade das experiências permite a aplicação dos conceitos aos objetos, ou seja, proporciona a construção de um mundo objetivo. Para Kant, as categorias são os conceitos puros do entendimento, são conceitos que expressam uma lei ou função fundamental no entendimento. Assim entendidas, as categorias são conceitos muito gerais, que não dependem de outros conceitos mais básicos, e são condições de possibilidade para a emissão de juízos. Esses conceitos puros em conexão com as condições sensíveis fornecem os objetos “reais” dos juízos sintéticos.

Kant, com a tese da unidade transcendental da apercepção, está interessado em mostrar quais são as condições gerais para o uso dos conceitos. Defende que “a série de experiências estendida temporalmente que não de formar os conteúdos de uma experiência possível devem conectar-se de tal modo entre elas que dêem como resultado uma representação unificada do mundo objetivo”<sup>44</sup>. O sujeito que conhece é o sujeito transcendental, que também apenas se conhece a si mesmo como fenômeno.

A noção que Strawson tem do sujeito que conhece é distinto, ou seja, o sujeito é antropológico, possui uma história. Neste caso, o conceito de consciência particular é secundário ao conceito de pessoa, que é um particular básico com relação a sua identificação. A corporeidade é o que garante a objetividade das experiências do sujeito que conhece, através do comportamento é possível

---

<sup>43</sup> STRAWSON, P. F. *Análise e Metafísica*: uma introdução á filosofia. Tradução de Armando Mora de Oliveira. São Paulo: Discurso Editorial, 2002,p.77.

<sup>44</sup> STRAWSON,P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant’s Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.26.

adscrever<sup>45</sup> a ele estados de consciência. O sujeito para ser consciente das experiências estendidas temporalmente como *suas*, deve ser capaz de distinguir entre uma ordem temporal das percepções subjetivas e uma ordem de disposição que possuem independentemente os objetos de tais percepções.

Em nenhuma parte resplandece mais o gênio de Kant que em sua identificação das condições mais fundamentais em sua forma mais geral: é dizer, a possibilidade de distinguir entre uma ordem temporal das percepções subjetivas e uma ordem de disposição que possuem independentemente os objetos de tais percepções- uma estrutura unificada e duradoura das relações entre os constituintes de um mundo objetivo<sup>46</sup>.

De acordo com Strawson, Kant tem absoluta razão em insistir na conexão entre a objetividade e a unidade da autoconsciência para a possibilidade da experiência. Primeiro, porque só podemos relatar fielmente as experiências do que vemos, ouvimos, sentimos, etc., se fazemos uso dos conceitos dos objetos dos quais são nossas experiências. Em segundo lugar, a unidade destas experiências, subordinadas às regras incorporadas nos conceitos de objetos, é que torna coerente e consistente as descrições que fazemos daquilo que vemos, ouvimos, sentimos, etc. Portanto, a possibilidade de objetividade da experiência em geral está necessariamente unida ao requisito de consistência e unidade das descrições de nossas experiências.

## 7- Considerações Finais.

Como é sabido, Kant considera que o seu idealismo transcendental é um realismo empírico, pois postula que as coisas existem independentes de nós conhecemo-las. O problema do idealismo é que só podemos conhecer a maneira como as coisas nos afetam. Por conseguinte, Kant parece afirmar que a realidade em si mesma, as coisas como são em si mesma, tem uma natureza própria, a qual seres com intuição sensível não podem ter conhecimento<sup>47</sup>.

A crítica que Strawson remete a concepção de coisa em si está vinculada à noção de realidade que Kant elabora, pois ele distingue entre dois terrenos distintos da realidade, a saber, o terreno do fenômeno conhecido empiricamente e o terreno das coisas em si mesmas que não podem ser

---

<sup>45</sup> Strawson utiliza do termo “adscrição” de predicativos às coisas, num sentido jurídico de “ter direito a ter posse de tais e tais características”. Este termo está em contraposição à atribuição de propriedades as coisas, pois parece que, ao atribuir propriedades, estamos querendo dizer que essas propriedades, somadas a outras propriedades, formam o objeto.

<sup>46</sup> STRAWSON, P. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966, p.29.

<sup>47</sup> Cf. STRAWSON, P. *The Problem of Realism and the a priori*. In: Parrini, Paolo (Ed). *Kant and Contemporary Epistemology*. Klumer Academic Publishers, 1994, p.169.

conhecidas por nós<sup>48</sup>. O fato de não podermos conhecer as coisas em si mesmas decorre do nosso equipamento cognitivo humano, que só é capaz de conhecer fenômenos. Kant, como realista empírico, entende que o conhecimento humano não pode exceder os limites da capacidade cognitiva humana<sup>49</sup>.

Para Strawson, a separação entre a realidade transcendente (*transcendent realm*) e a própria realidade (*reality*), tem “murchado” a grande contribuição que a *Crítica da Razão Pura* pode nos dar. Tal contribuição da *Crítica*, que a torna de uma importância filosófica única, foi ter fornecido “a brilhante e longa demonstração persuasiva das características estruturais e necessárias do conhecimento humano e da experiência”<sup>50</sup>.

O grande problema da *Crítica* é compreender e aceitar a distinção entre fenômenos e coisas em si mesmas. Ao estabelecer essa distinção entre os fenômenos e as coisas em si, Kant parece querer garantir os suportes para a sua ética e a religião. Sendo assim, parece manter uma conexão entre o mundo sensível e o mundo supra-sensível.

Segundo Strawson, o uso que Kant faz dos pronomes em primeira pessoa, pessoal ou possessivo, deve-se ao fato de considerar que há essa conexão de identidade entre o mundo supra-sensível e o mundo dos seres humanos. O ponto de conexão da identidade faz-se na consciência, quando o sujeito tem o seu “poder” de pensar. Tal “poder” ou capacidade é fornecido pelas faculdades do entendimento e da razão.

Portanto, Kant não tem razão em assegurar que não conhecemos as coisas como são em si mesmas, pois, se fosse assim, nós teríamos que nos contentar em apenas conhecer as pálidas aparências das coisas, que existem independentemente de nossa representação delas. Como é sabido, Strawson não concorda com essa tese do idealismo de Kant e, ademais, afirma que podemos nos referir diretamente às coisas físicas, que existem independentes da nossa percepção, através do uso de nosso esquema conceitual. Este esquema conceitual é adquirido pelo uso que fazemos dos conceitos, ou seja, ele é apreendido pela prática e não por ensinamento teórico do uso dos conceitos. O esquema conceitual é único e não precisamos dar conta da descrição de mundos possíveis, mas apenas da experiência que nós temos desse mundo. Caso seja necessário descrever uma experiência diferente da nossa, faríamos uso do mesmo esquema conceitual e descreveríamos essa experiência em analogia com a nossa.

---

<sup>48</sup>STRAWSON, P. *The Problem of Realism and the a priori*. In: Parrini, Paolo (Ed). Kant and Contemporary Epistemology. Klumer Academic Publishers, 1994,p.170.

<sup>49</sup> Cf.STRAWSON, P. *The Problem of Realism and the a priori*. In: Parrini, Paolo (Ed). Kant and Contemporary Epistemology. Klumer Academic Publishers, 1994,p.171.

<sup>50</sup> STRAWSON, P. *The Problem of Realism and the a priori*. In: Parrini, Paolo (Ed). Kant and Contemporary Epistemology. Klumer Academic Publishers, 1994,p.171.

## 8-Bibliografia.

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALLISON, H. *El idealismo trascendental de Kant: una interpretación y defensa*. Tradução de Dulce María Granja Castro. Barcelona: Anthropos, 1992.
- BENNETT, J. *Strawson on Kant*. In: *The Philosophical Review*, Vol. 77, n° 3, julho 1968, p. 340-349. Acessado: 01/06/2010.
- BONACCINI, J. A. *Acerca do conceito de Fenômeno na Crítica da Razão Pura*. In: *Princípios*, ano 04, n°05, 1997, p. 159-186.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o tempo*. In: *Princípios*, Ano 05, n° 06, Natal (UFRN), 1998, p. 123-138.
- CAYGILL, H. *Dicionário Kant*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FRANGIOTTI, M. A. *The Ideality of Time*. In: *Manuscrito*, Campinas, XVII (2), outubro de 1994, p. 135-158.
- GALEFFI, R. *A Filosofia de Immanuel Kant*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1986.
- GONZALEZ, W. *La Teoría de La referencia: Strawson e La filosofía analítica*. Salamanca: Universidade de Salamanca, 1986.
- \_\_\_\_\_. *P. F. Strawson's Moderate Empiricism: The Philosophical Basis of his Approach in Theory of Knowledge*. In: HAHN, L. E. (ed.), *The Philosophy of P. F. Strawson*. USA: Open Court, 1998, p. 329-358.
- GRAYEFF, F. *Exposição e interpretação da filosofia teórica de Kant*. Tradução de António Fidalgo. Lisboa: Edições 70, 1987.
- HÖFFE, O. *Immanuel Kant*. Tradução de Christian Viktor Hamm e Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HUME, D. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental nos assuntos morais*. Tradução de Déborah Danowski. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. 4ª Ed. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- MATTHEWS, H. E. *Strawson on Transcendental Idealism*. In: *The Philosophical Quarterly*, Vol. 19, n° 76, julho 1969, p. 204-220. Acessado em: 01/06/2010.
- MOSER, P. K. *Realismo, Objetividade e Ceticismo*. In: Greco, J.; Sosa, E. (org.). *Compêndio de Epistemologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 117-153.
- PEREIRA, R. H. DE SÁ. *Referência e Juízo em Kant*. In: *Analytica*, vol. 6, n° 2, 2001-2002, p. 79-117.
- \_\_\_\_\_. *Teoria Kantiana do Sujeito*. In: *Manuscrito*, V. XIX, n° 1, abril 1996, p. 69-95.
- STRAWSON, P. F. *Análise e Metafísica: uma introdução á filosofia*. Tradução de Armando Mora de Oliveira. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Ceticismo e Naturalismo: algumas variedades*. Tradução de Jaimir Conte. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Entity & Identity: and other essays*. Oxford: Clarendon Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Individuals, An Essay in Descriptive Metaphysics*. University Paperback. 1959.
- \_\_\_\_\_. *The Bounds of Sense: An Essay on Kant's Critique of Pure Reason*. New York: Methuen, 1966.
- \_\_\_\_\_. *The Problem of Realism and the a priori*. In: Parrini, Paolo (Ed). *Kant and Contemporary Epistemology*. Klumer Academic Publishers, 1994, p.167-173.